

FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE

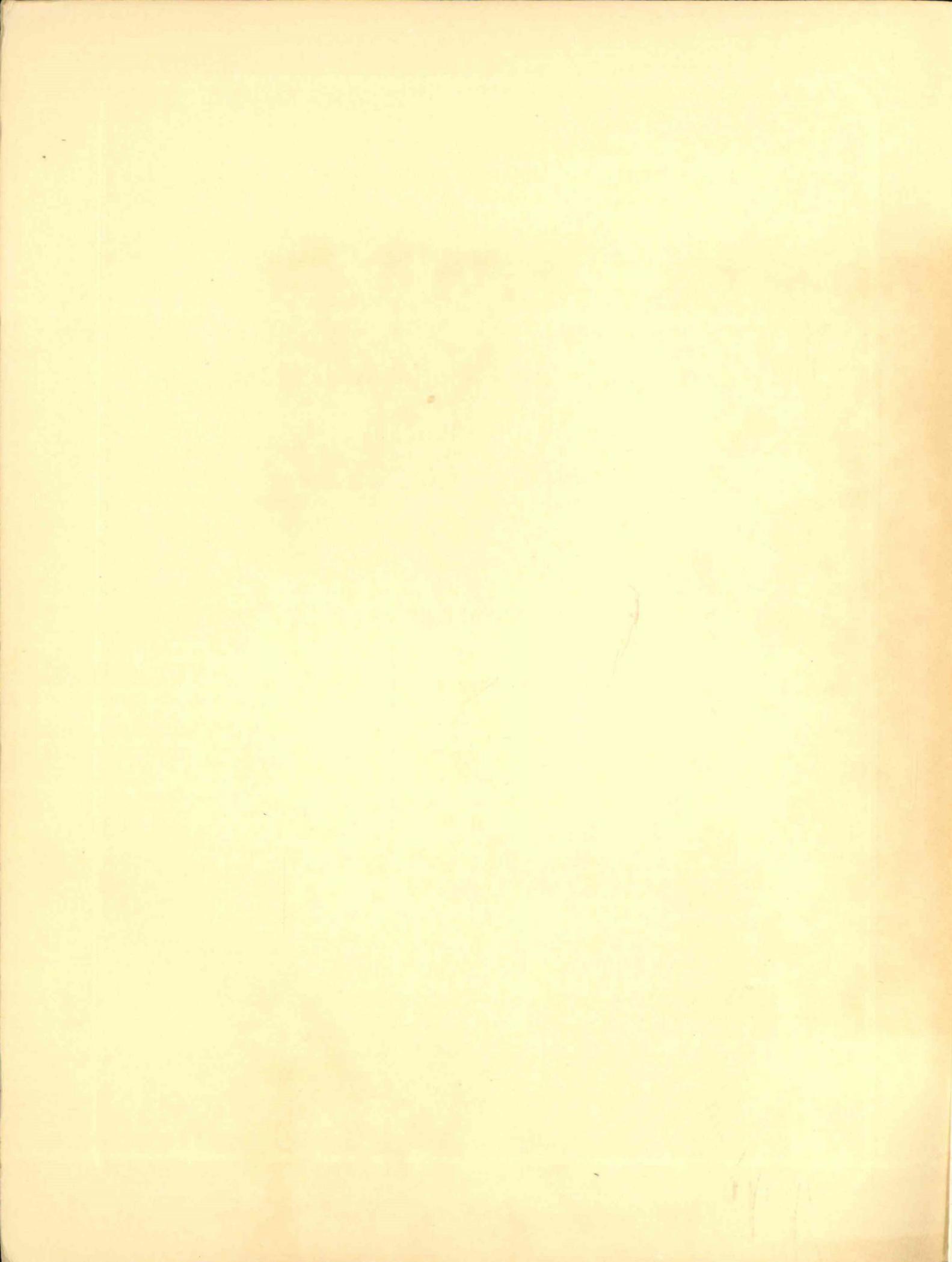
O Poeta e Conde de Matosinhos D. Francisco de Sá de Meneses



SEPARATA DO BOLETIM DA BIBL. PÚBL. MUNICIPAL DE MATOSINHOS, N.º 26, 1982

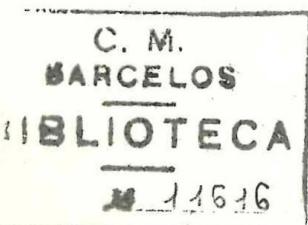


1.134.3-1 Meneses
ND



FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE

O Poeta e Conde de Matosinhos D. Francisco de Sá de Meneses



Pern. Barcelos

O POETA E CONDE DE MATOSINHOS D. FRANCISCO DE SÁ DE MENESES

Por FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE

O POETA E OS SEUS CONTEMPORÂNEOS

Após a publicação, no Boletim anterior, do nosso estudo sobre esta notável figura da vida portuguesa na época do Renascimento, portuense de origem e conde de Matosinhos, diligenciámos obter novos elementos sobre a sua existência e sobre a sua produtividade lírica, esta totalmente, ou quase totalmente, desconhecida ou perdida, apesar das muitas referências feitas por diversas individualidades acerca da sua qualidade e do seu valor. Tivemos a satisfação de receber alguns desses elementos, e bem preciosos, os quais vão incluídos no presente Boletim.

Pessoas da grande família dos Sás do Porto tiveram destacado relevo na sociedade portuguesa dos séculos XV e XVI, — relevo social, político e militar —, ocupando cargos da mais alta importância e confiança dos soberanos dessa época. Algumas delas distinguiram-se pela sua elevada ilustração. Quem ler alguns dos nossos principais poetas quinhentistas — Sá de Miranda, António Ferreira ou Diogo Bernardes — encontrará nas suas obras frequentes alusões aos seus nomes, em atitude de homenagem ou especial apreço. São principalmente três os Sás homenageados: João Rodrigues de Sá de Meneses e seus filhos António de Sá e Francisco de Sá.

A João Roiz de Sá de Meneses dirigiu Miranda aquela célebre carta, que principia:

«*Dos nossos Sás Coluneses
Grão tronco, nobre coluna,
Grosso ramo dos Meneses
Em sangue e em bens de fortuna».*

Dedicou-lhe também, a ele que foi igualmente poeta e humanista, a égloga *Montano*, toda escrita em décimas setessilábicas. A seu filho mais velho, António de Sá, que foi provedor da Misericórdia do Porto, — como, aliás, seu irmão D. Francisco, em 1571 - 1572 —, endereçou a égloga *Epitalâmio Pastoril* por ocasião do casamento de sua filha Dona Camila de Sá.

Escreveu Sá de Miranda um soneto em resposta «a um capítulo à maneira italiana que fez Francisco de Sá de Meneses à Madanela (Santa Maria Madalena)». Eis os seus dois quartetos:

*«À vossa verdadeira penitente
Quão bem guardastes seus pontos devidos;
Os Apóstolos eram já partidos,
Ela não parte, vede o que ali sente;*

*E assim mereceu ver primeiramente
Deus em terra em hábitos fingidos;
Tudo Amor vence: altíssimos sentidos,
A quem tal hortelão se faz presente».*

Em «O Cancioneiro do P.º Pedro Ribeiro», refere-se Dona Carolina Michaelis com alguns pormenores à Elegia ou Capítulo de Meneses sobre a Madalena. Escreve: «Há um soneto de Sá de Miranda que principia quase como a Elegia de Bernardes:

«A vossa verdadeira penitente»

e é epigrafado, explicitamente como nenhum outro, *A uma Elegia ou Capítulo de Francisco de Sá de Meneses que lhe mandou mostrar seu irmão António de Sá e era o Capítulo sobre a Madalena à maneira de Itália*..... «Do soneto de Miranda deduzo que D. Francisco, conhecido como poeta do rio Leça, ilustre filho do grande «pai das Musas» que se chamou João Rodrigues de Sá e Meneses, escreveu uma *Elegia da Madalena* — moralizadora ou semi-religiosa evidentemente — que era paráfrase ou tradução livre do original latino de um Gregório. E essa só pode ter sido uma das *Homilias* de Gregório de Nazianza».

De facto, o padre da igreja grega S. Gregório, nascido perto de Nazianza, na Ásia Menor, que viveu no século IV e foi escritor, poeta e notável orador, distinguiu-se na antiguidade cristã pela perfeição dos

seus discursos ou homilias. A ele se refere também Sá de Miranda no mesmo soneto:

«*Gregório põe por uma, outros Doutores
Fazem as três; após Gregório vão
Despois os mais, com todos os pintores*».

*
* *

No livro de sonetos de António Ferreira, há um que abre por um rasgado elogio à família portuense dos Sás:

«*Alegra-me e entristece a Real Cidade,
Que o Douro rega, e meus Sás enobrecem
Co'as almas, e troféus, que resplandecem,
E resplandecerão em toda idade*».

A António de Sá pretendeu consolar pela morte de uma sua parente, talvez sua sobrinha Dona Ângela de Noronha, no soneto XXII (Livro II):

«*Choras, António, e levam Lima e Douro,
Com as suas, as tuas lágrimas vãmente,
Chamando aquela que resplandecente,
Mostrando está dos Céus o seu tesouro*».

O soneto XXXI do mesmo livro é um apelo feito por António Ferreira, paladino da linguagem nacional, ao poeta Salício (Sá de Meneses), para que sempre use nos seus «grandes versos» a sua própria língua:

«*Quanto de amor se pode humanamente
Sentir, tu o sentes, ou cantar, tu o cantas,
Salício: e em quanto a doce voz levantas
Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.*

.....
«*Porventura que em quanto à estrangeira
Língua entregas teus doces acentos,
Não é tua voz com tanto efeito ouvida.*

«*Dá, pois, à dor sua língua verdadeira,
Dá os naturais suspiros teus aos ventos.
Porventura será tua dor mais crida*».

Com efeito, Meneses foi um poeta bilingue, como aliás o foram quase todos os líricos portugueses do século de Quinhentos. Ferreira foi a surpreendente exceção, que tanto impressionou e fez exclamar a Bernardes: «*Que dando à pátria tantos versos raros / Um só nunca lhe deu em língua alheia*».

Na sua égloga *Títiro* são colocados em destaque dois líricos do seu tempo: Sá de Miranda e Sá de Meneses. Dois pastores da égloga, Serrano e Castálio, afirmam que tinham aprendido a poetar com dois «Francos pastores», isto é, com Miranda e Meneses, como se lê na própria égloga:

*«Diziam que aprenderam de dous Francos
Pastores, que com as Musas se criaram
.....
Bem conhecidos são: Sás se chamaram,
Um de Meneses, outro de Miranda,
De que as irmãs e Febo se espantaram.
E ainda hoje entre nós soa a voz tão branda
Do seu divino canto, que lhe ouvimos,
Que todo o Céu aclara e o ar abranda».*

No final da égloga *Miranda*, cita novamente Ferreira a Meneses (Sázio) a propósito da morte de Sá de Miranda, de quem chora o desaparecimento:

*«Vejo vir nosso Sázio lá chorando,
Sázio, que docemente assi pendias
Daquela boca, e som suave e brando».*

*

* * *

Amiudadas referências e amiudados elogios faz Diogo Bernardes a Francisco de Sá de Meneses nas suas diversas composições poéticas. Nas «*Obras Completas*» do cantor do Lima afirmou Marques Braga no prefácio: «Bernardes foi, porventura, protegido por Francisco de Sá de Meneses, que pertenceu à Escola Velha e poetou também nos metros italianos — foi um elegíaco amoroso e o cantor duma certa Filis. O poeta do Lima dirige-lhe a Carta XVI e celebra-o e festeja-o na Carta VII e nas Éclogas I e XVI».

Com efeito, na Carta XVI, há este passo em que Bernardes salienta uma importante faceta do carácter de D. Francisco — a sua humanidade e bondade natural:

«*Não nega a vossa branda natureza
Os olhos a ninguém, não nega ouvidos,
A ninguém dá motivo de tristeza*».

Escrita após o seu regresso do cativeiro de Marrocos, dirige-se ao «ilustríssimo Sá», então fidalgo todo poderoso na Corte portuguesa, com funções de governo e soberano mando após o desastre de Alcácer, e solicita-lhe protecção e remédio para a sua situação desesperada. Encontram-se nessa Carta os seguintes curiosos versos que fazem imediatamente recordar outros de Meneses, que já bem conhecemos:

«*Assi de novas cores pinte Flora
Do vosso brando Lessa a verde praia,
Onde rindo amanhece a fresca Aurora*».

Seguramente que, ao escrevê-los, tinha Bernardes presentes na memória as doces redondilhas consagradas por Meneses ao seu amado Leça: «A aurora em nascendo / Quando estás mais liso / Com alegre riso / Em ti se está vendo».

Ainda noutro ponto se refere ao mesmo rio e ao seu cantor. É na Carta XXIX:

«*Aquele valeroso e douto Conde
A cujo nome o seu cantado Lessa,
E o grão Douro, com grande amor responde*».

A Carta VII, endereçada a Pedro de Lemos, secretário da marquesa de Alcanisas, tem o especial interesse de nos dar, em síntese, os nomes dos poetas do tempo, isto é,

«*..... os claros lumes
Da musa Portuguesa, doce e branda,
Que de amor têm escrito vários volumes*».

São referidos: além de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá e Meneses, seu filho Francisco de Sá, António de Castilho, os dois Andrades

(Francisco de Andrade e Pero de Andrade Caminha). D. Simão da Silveira e D. Manuel de Portugal.

O excelente sonetista que foi Diogo Bernardes escreveu dois sonetos de grande louvor às qualidades poéticas do Conde de Matosinhos e de rendida admiração pela sua inspiração lírica. Compara-o com Miranda e com Petrarca:

«*Dois Franciscos em glória e fama iguais*».

São os sonetos CV e CVI de «*Flores do Lima*».

A morte do príncipe D. João — o príncipe que teve D. Francisco como aio e camareiro-mor — foi profundamente deplorada por vários poetas e escritores do tempo: Sá de Miranda, Jorge de Montemor, Jorge Ferreira de Vasconcelos, D. Simão da Silveira, António Ferreira e Camões. Também Bernardes escreveu sobre o mesmo tema uma égloga, de título *Adonis*, e uma elegia, em castelhano, que vem nas «*Várias Rimas*». Alguns líricos, como Ferreira e Bernardes, não deixaram de exprimir nos seus versos vivas demonstrações de pesar, tocados pela funda amizade que nutriam pelo dedicado aio do príncipe falecido, cuja dor profunda e inapagável bem compreendiam e partilhavam.

Talvez não fosse ainda destacado o importante papel que teve este príncipe na aceitação e difusão do movimento renascentista em Portugal, pelo menos na Corte portuguesa, onde, aliás, viviam ou a frequentavam os principais adeptos da Escola Literária chefiada por Sá de Miranda: D. Manuel de Portugal, Andrade Caminha, Diogo Bernardes e Sá de Meneses. Mas cremos que foi este último, com as especiais funções de educador do príncipe D. João, quem o levou a interessar-se fundamentalmente pelo novo movimento literário e pela nova poesia portuguesa, a ponto de fazer com que ele repetidamente solicitasse a Miranda, ao solitário da Quinta da Tapada, no Minho, o envio de todas as suas produções líricas. Miranda, acedendo com desvanecimento ao pedido, enviou por três vezes ao Príncipe colecções de diferentes géneros, as quais, sem dúvida, se tornaram aprazivelmente conhecidas do monarca, amigo e admirador do autor, e dos cortesãos que prezavam as Letras. Adivinha-se facilmente a acção relevante e a contribuição de Sá de Meneses para o êxito do movimento, quer pela influência directa e constante exercida no ânimo do seu educando, aliás com vocação literária, quer pela sugestão do seu exemplo pessoal de prestigioso adepto da nova Escola face ao ambiente intelectual da Corte portuguesa.

VERSOS INÉDITOS DE SÁ DE MENESSES

Afirmámos no nosso estudo anterior que, segundo informação de Dona Carolina Michaelis, existiam na Biblioteca de Évora, pelo menos, sessenta e seis sonetos inéditos da autoria de Francisco de Sá de Meneses. Fizemos as necessárias diligências para que chegassem ao nosso conhecimento tais composições líricas, e assim aconteceu. Aquela Biblioteca, acedendo ao solicitado pela sua congénere de Matosinhos, remeteu fotocópia dos referidos sonetos e ainda de uma elegia que Meneses dedicou à memória do príncipe D. João, seu pupilo.

Dos 66 sonetos, apenas 13 são escritos em portugês. Reservando-nos para noutra oportunidade fazermos uma publicação integral de todas essas poesias, que bem o merecem, decidimos dar a conhecer por agora alguns dos sonetos escritos por Sá de Meneses na nossa língua, os quais já possivelmente darão uma ideia do seu valor como sonetista. Os sonetos são numerados de 1 a 66 e oferecem a particularidade curiosa de o seu autor (ou o copista), como modernamente se verifica, usar letras minúsculas no início de cada verso, só empregando maiúsculas após um final de período.

São os sonetos agora publicados exemplo daquela «musa alta e suave» que os contemporâneos reconheciam em Meneses. A frase é correcta. São finos e delicados os sentimentos expressos, elevados os conceitos. Enfim, uma interessante amostra de lirismo pessoal e petrarquiano. Eis-los:

*Olhos não são;porém são mais que estrelas
esses que em luz o sol e em formosura
vencido deixam, e são na arquitectura
portas do amor, dos altos Céus janelas.*

*Chegar cousa mortal a merecê-las
nas asas levantadas da ventura,
impossível será, que a sorte dura
tanto bem nega a quem concede vê-las.*

*Embalde as sigo, erram como à porfia...
Com suspiros, com lágrimas e queixas
assisto ao coração, mas não resisto.*

*Ó dura lei de amor, ó tirania!
pois deixas ver a quem merecer não deixas:
Quanto fora melhor nunca haver visto!*

*
* *

*Que esquecimento é este, e que descuido
em que minha alma vive sepultada,
intrépido seguindo a via errada,
nada temendo e desprezando tudo.*

*Tudo me avisa, mas com nada mudo
um menor passo atrás nesta jornada,
onde a razão não vale melhor fundada
com que me deixa a menor delas mudo.*

*Bem que falto dalgum merecimento,
socorrei-me, Senhor, cuja piedade
em tal caso acudir tem por ofício,*

*pois vejo que obstinado o entendimento,
do apetite cativo, e da vontade
sujeito, me encaminha ao precipício.*

*
* *

*Onde quer que a minha alma se imagina
sempre contigo assiste e sempre mora,
tão firme te ama, e tão fiel te adora
que a nada mais seu natural a inclina.*

*Em tudo quanto faço, amor me ensina
teu retrato formar, e, assi e agora
de tudo quanto vejo me enamora
de impulso superior força divina.*

*Tão presente me estás em quanto vejo
que falar-te pudera e responder-te,
Mas se a boca o não faz, fá-lo o desejo.*

*Uma tão clara forma de entender-te
poder saber dissimular invejo,
tanto pode o receio de perder-te!*

*
* *

*Que saudade é esta, e que tristeza
que minha alma acompanha noite e dia!
Que suave rigor, que tirania,
lisonja enfim da própria natureza!*

*Efeitos são da singular beleza
daquele sol, a quem amor soia
suas armas render, porque temia
não poder abrandar tanta dureza.*

*Efeitos também são da ausência dura,
bem que por novo modo considero
que outro Tântalo sou no sofrimento.*

*Ó grande mal, ó grã desaventura,
que quase possuindo o porque espero
nunca posso esperar melhoramento!*

A Nossa Senhora

*Pisando luzes e de sol vestida
no mundo apareceis gentil donzela,
morena, sim, mas tão formosa e bela
que a mesma luz do Sol deixais corrida.*

*Sobre vossa cabeça estar tecida
de várias flores vejo uma capela,
vencendo cada flor a cada estrela
nos Céus mais admirada, mais luzida.*

*A árvore sois que o fruto nos concede
para nos libertar, nascendo escravos,
do inferno, do mundo, e do pecado.*

*O preço de tal fruto a tudo excede,
e enfim no-lo asseguram tantos cravos,
e para entrarmos nele aberto o lado.*

*
* *

*Depois de tantos males padecidos
no discurso de tão compridos anos
foram prémio do amor duros enganos
de quem bem sempre amou sempre temidos.*

*Não se devem chamar anos perdidos
anos que dão por fruto desenganos,
livrando o coração de tantos danos
quantos lhe tinha o fado prometidos.*

*Oh quanto melhorei vendo perdida
uma esperança tal porque assim corte
os laços em que esta alma andou metida!*

*Permiti-nos, Senhor, que desta sorte
seja o que foi remédio para a vida
remédio e medicina para a morte.*

*
* *

*No mais alegre e venturoso dia
nasceis por soberana providência,
mostrando que sereis na adolescência
um perfeito retrato de Maria.*

*Em vós espero ver como à porfia
graças, virtudes tais que na eminência
delas renove o mundo a dependência
que tiveram no nome que nos fia.*

*Oh quanto me promete a confiança
dos nomes que lograis por nascimento
do humano Senhor, da Virgem pura!*

*Crerei enfim sereis em semelhança
Árvore de Jessé no fundamento,
Rosa de Jericó na formosura.*

Deste tão triste e duro apartamento
 em que amor quis tornar demorar na angústia
 Tu ouviu as boas, tua a esperança
 só mediu o vazio de sentimento
 Vai sempre parar e secando meu tormento
 por que n'ego em marcos sem bonanças
 ia marcar a alma triste para aliança
 para que não descanse o sofrimento
 Com por mais que a sorte me persiga
 negando-me este bem de poder curar os
 negar não pode a tua alma que persiga
 Por que ainda não pôs a morte nos
 mas sej que amor suste que me obriga
 a nadar quer mais que bem queremos.

*
* *

*Neste tão triste e duro apartamento
em que amor quis de mim tomar vingança,
levou-me todo o bem, toda a esperança,
só me deixou razão de sentimento.*

*Vai sem parar crescendo meu tormento
porque navego em mares sem bonança,
jamais esta alma triste porto alcança
para que não descance o sofrimento.*

*Porém, por mais que a sorte me persiga,
negando-me este bem de poder ver-vos,
negar não pode a esta alma que vos siga.*

*Porque ainda que não possa merecer-vos
não sei que amor é este que me obriga
a nada mais querer que bem querer-vos.*

BIOGRAFIA E GENEALOGIA

Sendo inseguros e contraditórios alguns elementos que se nos deparam quanto à biografia e à genealogia de D. Francisco de Sá de Meneses, solicitámos ao Senhor Fernando Manuel Moreira de Sá Monteiro, — pessoa dedicada a estudos genealógicos de muito interesse, como o que publicou recentemente com o título de «*Sás*» —, que elaborasse uma Nota Genealógica relativa ao Conde de Matosinhos, a fim de ser publicada neste Boletim e acompanhar este trabalho. Amavelmente acedeu aquele nosso prezado Amigo e depôs em nossas mãos o valioso estudo que, a seguir, se reproduz. Note-se que a bem documentada exposição ainda tem o mérito de fornecer importantes informações acerca de parentes ou familiares de D. Francisco de Sá de Meneses. Deu-lhe o seu autor o título de «Apontamentos Genealógicos sobre D. Francisco de Sá de Menezes — Conde de Matosinhos».

APONTAMENTOS GENEALÓGICOS
SOBRE D. FRANCISCO DE SÁ DE MENEZES
Conde de Matosinhos

Nasceu Francisco de Sá de Menezes no Porto, cerca de 1510, (¹) no seio da ilustre família dos Sás, Alcaides-mores do Porto desde o século XIV. Embora não sendo o primogénito, veio a herdar toda a grande Casa de seus pais, por ser, à morte do pai, o filho mais velho vivo. Por este motivo, foi Francisco de Sá Alcaide-mor e Capitão-mor do Porto, Senhor de Aguiar de Sousa e Sever, de Bouças e dos 4 Casais de Matosinhos, das Comendas de Santiago de Cacém e de Sines, na Ordem de Santiago. Foi também Camareiro-mor dos Reis D. Sebastião, D. Henrique e D. Filipe I, Capitão da Guarda dos dois primeiros monarcas, Conselheiro de Estado e Governador do Reino em 1578 e, posteriormente, nomeado para o mesmo cargo por disposição testamentária de D. Henrique. Foi ainda Francisco de Sá provedor da Misericórdia do Porto e Capitão-mor das fortalezas de S. João da Foz do Douro (que tinha reconstruído à sua custa), e de N.ª S.ª das Neves de Leça de Matosinhos, reedificada por seu pai.

Em 2 de Dezembro de 1580, deu-lhe D. Filipe I o título de Conde de Matosinhos. O Dr. Carlos de Passos e outros ilustres autores afirmam ser o título de Conde de Matosinhos criado por mercê de D. Henrique em 5 de Junho de 1579: «Com o título de conde de Matosinhos intentou D. Henrique dar-lhe a jurisdição desse povoado e da de Leça, que pertenciam à cidade do Porto, visto serem do seu termo; a cidade protestou e o rei morreu pouco depois. O intento renovou-o Filipe II e a cidade reclamou. A morte do conde, em Janeiro de 1582, arrumou esse maligno assumpto» (²). Ora o que é certo é que, naquela data acima indicada, foi concedida a

(¹) Alguns autores, nomeadamente o Dr. Carlos de Passos, fazem-no nascido no ano de 1524. Esta data, a nosso ver, não deve ser correcta, por demasiado tardia. A Dr.ª Carolina Michaelis diz que nasceu em 1515 e outros autores ainda situam o mesmo entre esta última data e 1513. É, certamente, mais verosímil. O pai, João Rodrigues de Sá de Menezes, faleceu no ano de 1576. Sendo certo que contava, à data do decesso, cerca de 103 anos, poderemos deduzir que terá casado em 1.ªs núpcias entre 1495 e 1500. Aliás, sabemos documentalmente que D. Inês de Noronha, irmã do Conde de Matosinhos, casou no ano de 1525 com o futuro 4.º Visconde de Vila Nova de Cerveira (vide «Brasões da Sala de Sintra», A. Braamcamp Freire, vol. III, pág. 89), o que leva a situar o nascimento desta dama por volta do ano de 1505. A ser assim, até a data de 1513 acima referida para o nascimento de Francisco de Sá nos parece tardia, a não ser que ele fosse mais novo que esta irmã. Por tal motivo, arriscamos que tal tenha acontecido entre 1505 e 1510.

(²) «Os brios portuenses em 1580 e 1640», Dr. Carlos de Passos, pág. 77.

«Francisco de Saa de Menezes» a Capitania-mor do Porto ⁽³⁾. E que,, em 2 de Dezembro de 1580, o Rei D. Filipe I deu a «francisco de saa de menezes meu Camareyro moor & do meu Conselho» o «titollo de conde do luguar de mathozinhos termo da Cidade do Porto & o faço Conde delle» ⁽⁴⁾.

Casou em 1.^{as} núpcias com D. Ana de Mendonça, filha de Aires de Sousa, Comendador de Alcanede, e em 2.^{as} com sua sobrinha-prima D. Catarina de Noronha, filha de João Rodrigues de Sá «o Moço», Vedor da Fazenda do Porto, Comendador de Cristo e Senhor de Aguiar, provedor da Misericórdia do Porto em 1562, 1565, 1572 e 1580, e de sua mulher e prima D. Camila de Noronha (filha herdeira de António de Sá de Menezes, irmão de Francisco de Sá). De ambos os casamentos não teve filhos, pelo que se extinguiu consigo o título de Conde de Matosinhos.

Era filho do 1.^o casamento de João Rodrigues de Sá de Menezes, Alcaide-mor e Capitão-mor do Porto, do Conselho de El-Rei, Senhor de Sever, Matosinhos, Paiva e Baltar, das Comendas de Santiago de Cacém e de Sines, Embaixador de D. Manuel a Fernando o Católico e a Carlos III de Sabóia, e de D. João III a Carlos V, poeta (autor das célebres «Quintilhas heráldicas»), políglota, perito no Latim (de que traduziu Ovídio e comentou Virgílio) e no Grego (tendo comentado Homero, Píndaro e Anacreonte). Destemido guerreiro (aos 100 anos ainda montava a cavalo), distinguiu-se pela sua bravura em Arzila e Azamor, Foi sua primeira mulher D. Camila de Noronha (filha de D. Martinho de Castelo Branco, 1.^o Conde de Vila Nova de Portimão).

O avô paterno de Francisco de Sá, de nome Henrique de Sá e Menezes, foi também Alcaide-mor do Porto, Camareiro-mor de D. João II e de D. Manuel, pertenceu ao Conselho de Estado deste último monarca, Senhor de Sever, Bouças, Vila Nova de Gaia e dos 4 Casais de Matosinhos. Casou com D. Beatriz de Menezes, dos Senhores de Cantanhede.

(3) «A Heráldica da Casa de Abrantes», Marquês de Abrantes, no Boletim Cultural da C. M. do Porto, vol. XXXIII, pág. 313.

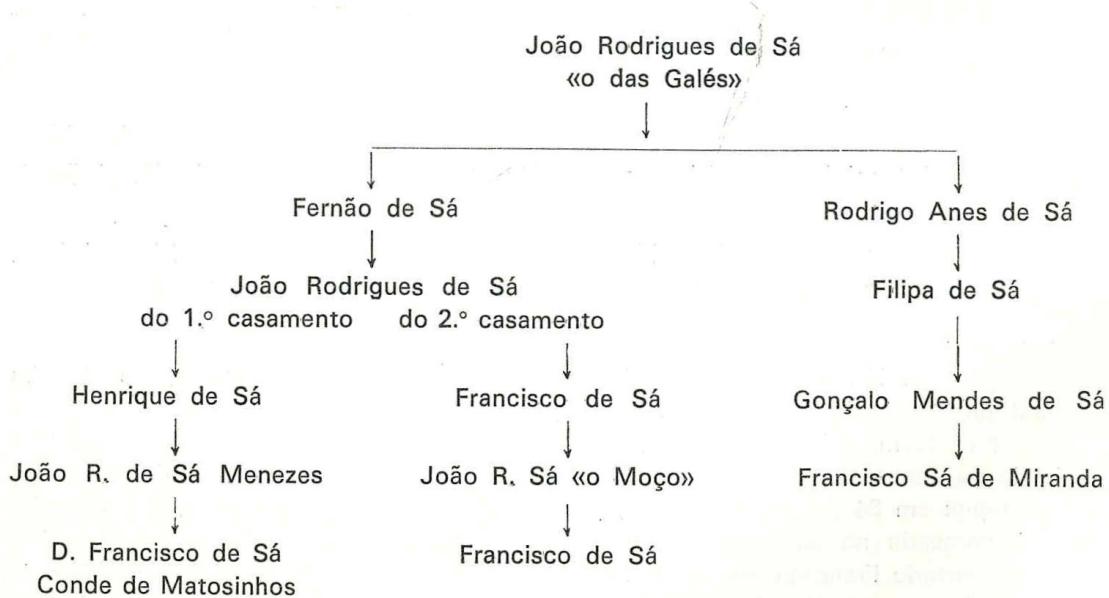
(4) Idem, pág. 314. Aliás, existem diversos documentos que provam a falsidade da concessão do título de Conde por D. Henrique na data referida. Citem-se, por exemplo: em 24 de Julho de 1579, prestou juramento D. Luis Pereira, do Conselho do Rei, nomeado no dia anterior regedor da Casa Suplicação. Entre as testemunhas aparece nomeado Francisco de Sá de Menezes, Camareiro-mor do Rei (vid. «Brasões da Sala de Sintra», vol. II, pág. 157); e em 3 de Outubro do mesmo ano, na doação que El-Rei fez das vilas de Miranda, Podentes, Vouga, Germelo e Folgosinho, a Diogo Lopes de Sousa, aparece-nos novamente como testemunha «Francisco de Sá» («Brasões da Sala de Sintra», vol. I, pág. 289). Ora por aqui se prova indiscutivelmente que Francisco de Sá de Menezes ainda não era Conde, pois, se assim fosse, tal seria referido naqueles documentos e teria o título de Dom inerente à sua categoria.

Chamou-se o bisavô João Rodrigues de Sá e era Alcaide-mor do Porto, Camareiro-mor de D. Afonso V, Senhor de Sever, Barreiro, Bouças, Paiva e Baltar e dos 4 Casais de Matosinhos, Fronteiro-mor de Entre-Douro-e-Minho, Vedor-mor da Fazenda do Porto, Senhor do Condado de Massarelos e S. João da Foz, por carta de D. Afonso V de 29 de Dezembro de 1469, e, casando em 1.ª núpcias com D. Catarina de Menezes, teve o referido Henrique de Sá de Menezes.

João Rodrigues de Sá era neto em varonia e primogenitura do célebre João Rodrigues de Sá, «o das Galés», herói do Cercado de Lisboa (1384) e muito valido de D. João I, que o encheu de mercês, das quais se destacam as da Alcaidaria-mor do Porto e de Camareiro-mor, ambas com valor hereditário.

Pelos elementos acima explanados se verifica ser Francisco de Sá de Menezes o representante da mais importante linhagem que o Porto conheceu desde o século XIV.

Outros Sás, seus parentes, se ilustraram nas Letras, dos quais se salientam Francisco de Sá de Miranda e Francisco de Sá, o autor de «*Malaca Conquistada*». Pelo esquema genealógico a seguir apresentado, melhor se compreenderá o parentesco entre os três famosos Franciscos.



Referimos anteriormente que o Conde de Matosinhos não era o filho primogénito. Efectivamente, o mais velho dos filhos do 1.º casamento de João Rodrigues de Sá de Menezes chamou-se António de Sá de Menezes,

que, por morrer em vida de seu pai, não herdou a Casa. Foi, no entanto, Senhor da Honra de Sobrado, da Comenda de Sanfins e provedor da Misericórdia do Porto em 1564, tendo casado com D. Inês de Noronha, filha do Visconde de V.^a N.^a de Cerveira. Sua filha D. Camila de Noronha casou com o primo João Rodrigues de Sá «o Moço», de quem teve a D. Catarina de Noronha que veio a ser a Condessa de Matosinhos.

Outro irmão do Conde de Matosinhos foi Sebastião de Sá de Menezes «o Sapeca», Capitão de Sofala e Moçambique, que se encontrou no 2.^o Cerco de Diu, onde a bravura demonstrada lhe criou fama. Morreu heroicamente em Alcácer-Quibir, onde, ao escutar o fatídico grito de «Ter, ter!!! Volta, volta!», bradou «Não volto». Esta sua frase tornou-se a legenda usada pela estirpe dos Sás: «NAM VOLTO». Casara com D. Luisa Henriques, filha do Comendador do Pinheiro D. Francisco Pereira, escrivão da puridade do Infante D. Luís.

Foram os pais do 1.^o Conde de Penaguião, D. João Rodrigues de Sá e Menezes, Alcaide-mor e Capitão-mor do Porto, Camareiro-mor dos Reis D. Filipe I e D. Filipe II, Senhor das Comendas de Santiago de Cacém e de Sines, preso após a batalha de Alcácer-Quibir e mais tarde resgatado. O título de Conde de Penaguião foi criado por alvará de 1 de Setembro de 1588. Destes provieram os Marqueses de Fontes (2 de Janeiro de 1659), título aumentado posteriormente (14 de Julho de 1718) para o de Marquês Parente, de Juro e Herdade, com três vidas fora da Lei Mental, e Marqueses de Abrantes, de Juro e Herdade, com honras de Parente e tratamento de Sobrinho, com três vidas fora da Lei Mental (12 de Agosto de 1718). É actual representante desta distintíssima família (e portanto de D. Francisco, Conde de Matosinhos) o Senhor Marquês de Abrantes e de Fontes D. Luís Gonzaga de Lancastre e Távora, ilustre linhagista e heraldista, do Instituto Português de Heráldica, que possui ainda a representação doutros antigos e ilustres títulos nobiliárquicos.

Também irmão de D. Francisco foi Pantaleão de Sá de Menezes, que serviu na Índia durante muitos anos e foi Capitão de Sofala. Na ausência do irmão, teve a Capitania-mor do Porto, por nomeação régia que o mesmo apresentou no dia 27 de Junho de 1579. D. Filipe I confirmou-o no cargo, por carta de 30 de Setembro de 1580, enviada ao Senado Municipal ⁽⁵⁾.

Casou em 1.^{as} núpcias, na Índia, com D. Luísa de Vasconcelos, já viúva, filha de Manuel de Vasconcelos «o de Diu». Ficando viúvo, voltou

(5) «Os brios portuenses em 1580 e 1640», pág. 61.

a casar no Reino com D. Maria de Menezes, filha de D. Fernando de Almada, Capitão-mor de Lisboa e Almirante de Portugal.

Teve ainda o Conde de Matosinhos duas irmãs: D. Inês de Noronha, que foi mulher do IV Visconde de Vila Nova de Cerveira; e D. Maria de Menezes, Dama da Raínha D. Catarina de Áustria e casada com o 2.º Conde da Sortelha, D. Diogo da Silveira, Senhor de Góis.

Alguns autores dão ainda a D. Francisco mais um irmão, Henrique de Sá e Menezes, não nos deixando porém informações sobre ele.

Faleceu o Conde de Matosinhos em 1583, sendo sepultado na Igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição, em Leça da Palmeira. O ilustre historiógrafo Dr. Artur de Magalhães Basto e outros autores afirmam que morreu em 1584. Porém, no alvará de 10 de Fevereiro de 1583 lê-se: «Eu El Rey... que antes do falecimento de Dom Francisco de Sá Conde de Matozinhos... que foy meu Camareiro mór & do meu conselho de Estado...»⁽⁶⁾. E o Senhor Marquês de Abrantes publicou, no seu valioso estudo sobre a Casa de Abrantes, entre outros documentos, o testamento de D. Francisco de Sá, Conde de Matosinhos, escrito em Lisboa a 30 de Novembro de 1582. Também Francisco Dias⁽⁷⁾ afirma que falecera em Janeiro de 1582, no que deve ter havido lapso, pois deveria querer referir-se ao ano de 1583. Se, porém, faleceu em 1582, só poderá ter sido no mês de Dezembro, o que se infere dos documentos acima apontados.

NOTA FINAL

Acerca da geral afirmação de que ficou extinto o título de Conde de Matosinhos com a morte de D. Francisco de Sá de Meneses por não ter descendentes directos, — afirmação que também fizemos no nosso estudo do ano precedente —, declarou-nos o Senhor Marquês de Abrantes, D. Luís Gonzaga de Lancastre e Távora, em amável carta referente a esse nosso trabalho, que não pode considerar-se exacta tal asserção, porquanto — e transcrevemos as suas palavras — «a outorga daquele título foi feita em vidas e tendo em conta a adopção que Francisco de Sá e Meneses fizera de seu sobrinho João de Sá e Meneses como *«seu herdeiro natural»*; por esta razão, o mesmo título chegou a ser reabilitado na pessoa deste João, só não se tendo confirmado por alegação de oposição que interpusera a Câmara de Matosinhos. Por este motivo, e enquanto se não sentenciava a este respeito, foi ele titulado Conde de Penaguião (I.º) com a mesma antiguidade que teria como Conde de Matosinhos.

⁽⁶⁾ «A Heráldica da Casa de Abrantes», vol. XXXIII, pág. 318.

⁽⁷⁾ «Memórias quinhentistas de um procurador del-rei no Porto», pág. 126.

Por fim, em 1599, a causa erguida pela Câmara de Matosinhos foi julgada improcedente, razão por que ao Conde de Penaguião foi confirmado o seu senhorio da mesma maneira que o tinham tido os seus ascendentes desde finais do século XIV. Estes factos, aliados à admiração que sempre nutri pelo I Conde de Matosinhos, fizeram-me desistir dos direitos de representação e uso deste título — que me haviam sido reconhecidos pelo Conselho de Nobreza em 1965 — em favor de meu filho varão secundogénito D. João de Lancastre e Távora, a quem aquele Conselho passou já o respectivo alvará, pelo que ele é hoje, à face do Direito Nobiliárquico, o II Conde de Matosinhos».

Porto, Abril de 1982.

biblioteca
municipal
barcelos



11616

O poeta e Conde de Matosinhos
D. Francisco de Sá M